



**ESTRESSE DO ENFERMEIRO QUE ATUA EM UNIDADE DE INTERNAÇÃO**  
**STRESS OF THE NURSE THAT WORKS IN HOSPITALIZATION UNIT**  
**ESTRÉS DEL PERSONAL DE ENFERMERÍA QUE ACTÚA EN LA UNIDAD DE HOSPITALIZACIÓN**

*Sérgio Henrique Simonetti<sup>1</sup>, Estela Regina Ferraz Bianchi<sup>2</sup>*

**RESUMO**

**Objetivo:** analisar o estresse no trabalho do enfermeiro de unidade em internação e relacionar com a percepção do estresse. **Método:** estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa com 141 enfermeiros que atuavam em unidades de internação de hospitais públicos. Para análise dos dados, utilizou-se o Programa *Statistical Package for the Social Science* SPSS - versão 16.0. **Resultados:** 92,1% feminino; 31,2% de 41 a 50 anos; 92,2% assistenciais; 36,2% mais de 16 anos de tempo de formação; 79,4% cursando pós-graduação. Quanto aos níveis de estresse, os enfermeiros apresentaram escore de 5,49, considerado médio para alto nível de estresse e englobados nos domínios; relações interpessoais, coordenação das atividades da unidade e condições de trabalho para o exercício de sua profissão. Os enfermeiros mais estressados foram os que apontaram média baixa de valorização no trabalho e foi estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ). **Conclusão:** os enfermeiros que atuam em Unidade de Internação apresentaram nível médio de estresse. **Descritores:** Estresse Psicológico; Satisfação no Emprego; Enfermagem; Unidades de Internação.

**ABSTRACT**

**Objective:** to analyze the stress in the unity of nursing work in hospital and relate to the perception of stress. **Method:** a descriptive, cross-sectional study with a quantitative approach, with 141 nurses working in public hospitals inpatient units. For data analysis, we used the Statistical Package for the Social Sciences Program SPSS - version 16.0. **Results:** 92.1% female; 31.2% 41-50 years; 92.2% assistance; 36.2% more than 16 years of training time; 79.4% enrolled in graduate school. As for the stress levels, the nurses had a score of 5.49, considered medium to high level of stress and involved in the fields; interpersonal relations, coordination of activities of the unit and working conditions for the exercise of their profession. The more stressed nurses were the ones that showed low average value at work and it was statistically significant ( $p < 0.05$ ). **Conclusion:** nurses working in inpatient unit had an average stress level. **Descriptors:** Stress Psychological; Job Satisfaction; Nursing; Inpatient Care Units.

**RESUMEN**

**Objetivo:** analizar el estrés en el trabajo de enfermero en unidad de hospitalización y relacionar con la percepción del estrés. **Método:** estudio descriptivo, transversal, un enfoque cuantitativo con 141 enfermeros que actuaban en unidades de internación de los hospitales públicos. Para análisis de datos, se utilizó el paquete estadístico del programa para la versión de las ciencias sociales SPSS 16.0. **Resultados:** 92.1% mujeres; 31.2% de 41 a 50 años; 92,2% asistencia social; 36.2% más de 16 años de tiempo de formación; 79,4% cursando post-grad. En relación a los niveles de estrés, los enfermeros presentaron 5,49, considerado promedio para el alto nivel de estrés y dentro de los domínios; relaciones interpersonales, coordinación de las actividades de la unidad y condiciones de trabajo para el ejercicio de su profesión. Los enfermeros más estresados fueron los que mostraron baja promedio de valoración en el trabajo y fue estadísticamente significativo ( $p < 0.05$ ). **Conclusión:** los enfermeros que trabajan en las unidades de hospitalización demostraron nivel medio de estrés. **Descriptores:** Estrés Psicológico; Satisfacción en el Trabajo; Enfermería; Unidades de Internación.

<sup>1</sup>Enfermeiro, Doutor em Ciências pelo Programa Interunidade de Doutorado da EEUSP-RP. Pesquisador da Assessoria em Pesquisa em Enfermagem do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia (IDPC). São Paulo (SP), Brasil. E-mail: [shs.nurse04@gmail.com](mailto:shs.nurse04@gmail.com); <sup>2</sup>Enfermeira, Professor Associado do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgico da EEUSP (aposentada). Assessora em Pesquisa do IDPC. São Paulo (SP), Brasil. E-mail: [erfbianc@usp.br](mailto:erfbianc@usp.br)

## INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde revela que o trabalho se torna adequado às condições do trabalhador quando ocorre um favorecimento de saúde física e mental e quando os riscos de saúde estão sob controle.<sup>1</sup>

O modelo Interacionista, proposto por *Lazarus* e *Folkman*, considera uma interação dinâmica e processual do homem com o estresse. Essa interação atua como mediador na avaliação cognitiva, processo mental que intervém do encontro do estressor e a reação.<sup>2</sup>

Tais eventos são reconhecidos por uma série de categorias avaliativas, recursos esses de enfrentamento para manter ou não o equilíbrio e bem-estar de cada indivíduo. Este processo avaliativo ocorre no sistema límbico, tendo como funções interligadas a cognição, a emoção e o comportamento.

Sabe-se que o estresse, como fenômeno, faz parte da vida do ser humano em todos os aspectos, sejam eles: pessoais, sociais como, também, os profissionais. Estudos realizados com trabalhadores estressados demonstram que seu empenho é diminuído e os custos organizacionais são elevados por problemas de saúde, aumento do absenteísmo, da rotatividade e número elevado de acidentes de trabalho.<sup>3</sup>

No trabalho, o estresse está diretamente relacionado às respostas ameaçadoras, emocionais e físicas que ocorrem, quando as demandas da função/cargo do trabalhador não atingem as capacidades e recursos necessários, levando à dificuldade de enfrentamento.<sup>4</sup>

O alto nível de estresse para o enfermeiro de unidades abertas está diretamente relacionado ao relacionamento com outras unidades e supervisores, à assistência de enfermagem prestada ao paciente, à coordenação das atividades da unidade e às condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro. Tais condições podem favorecer o aparecimento do estresse ocupacional.<sup>5</sup>

A Unidade de Internação é reconhecida como um setor que garante a permanência de pacientes internados após 24 horas, de diversidades clínicas ou até mesmo específicas, conforme a necessidade de recuperação, seja em instituições gerais, que compreendem todas as clínicas médicas ou cirúrgicas atendidas ou de especializações, tais como: cardiologia, nefrologia, obstetrícia, pediatria, oftalmologia, neurologia e outras.<sup>6-8</sup>

Nessa perspectiva, o enfermeiro que atua em Unidade de Internação está propenso à exposição de estressores presentes no processo de trabalho do seu cotidiano que, a níveis extremos, podem desencadear doenças associadas que influenciam sua qualidade de vida, a assistência prestada ao paciente e a estrutura organizacional.

O estudo visa, a priori, a responder a seguinte pergunta: há relação entre os processos de trabalho do enfermeiro de unidade de internação com os estressores identificados/percebidos?

Estudo de revisão de literatura identificou que o estresse em trabalhadores de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva e Centro Cirúrgico estão relacionados com fatores desencadeantes, e destacaram-se os fatores intrínsecos: ambiente de trabalho; sobrecarga de trabalho; relações interpessoais; trabalho noturno e tempo de serviço e os extrínsecos: condições pessoais e características da personalidade.<sup>9</sup>

Assim, pela relevância que o tema sugere, o estresse do enfermeiro que atua em unidade de internação, e pela lacuna na literatura que aborde em específico este fenômeno, considera-se oportuna a proposição do estudo, pois permitiu contribuir para a ampliação e compreensão dos estressores presentes e que podem colocar em risco a integridade física e mental dos profissionais de enfermagem.

Além de favorecer o impacto sobre o estresse no contexto da atuação deste profissional, de forma que minimize este fenômeno e valorize o julgamento e a percepção dos enfermeiros em relação ao seu ambiente de trabalho. Com isso, assegurar o alcance da elaboração e a implementação de políticas de saúde do trabalhador de enfermagem e que visem a melhores condições no ambiente de trabalho de maneira saudável e segura.<sup>10</sup>

Este estudo tem como objetivo analisar o estresse no trabalho do enfermeiro de unidade em internação e relacionar com a percepção do estresse e a valorização no trabalho.

## MÉTODO

Estudo descritivo, comparativo, transversal, de abordagem quantitativa, realizado em hospitais públicos do Município de São Paulo/SP, Brasil. A amostra foi constituída por 141 enfermeiros que atuam em Unidade de Internação, do total de 425 enfermeiros.

Para a coleta dos dados foram aplicados o instrumento Escala *Bianchi* de Estresse (EBS). Este instrumento compreende, na primeira

etapa, duas escalas analógicas visuais que permitem obter os valores autoatribuídos sobre a valorização no trabalho e nível de estresse, assinalados em uma régua de 15 centímetros, na qual o zero corresponde à sensação mais negativa e dez corresponde à sensação mais positiva. A etapa dois é composta por 51 itens onde o enfermeiro assinala como se sente diante da situação vivenciada no trabalho, sendo zero para quando o enfermeiro não realiza a atividade; um para “pouco desgastante” até sete como “altamente desgastante” e quatro, o valor médio. Os níveis obtidos foram considerados como baixos (até 3,0), médio (de 3,1 a 4,0), alerta (de 4,1 a 5,9) e alto (acima de 6,0).

Foi utilizada também a Escala de Estresse no Trabalho (EET), considerado um instrumento de stress ocupacional geral e que pode ser aplicado em diversos ambientes de trabalho e ocupações variadas, e a Escala de Estresse Percebido (PSS), que aborda pensamentos e sentimentos experienciados na vida, independente de ocorrerem no ambiente de trabalho ou não. Cada escala é autoaplicável, com itens tipo *Likert* e são validadas para a realidade brasileira.

Para o procedimento da coleta, após aceitação da instituição hospitalar, foi encaminhado um envelope, contendo os instrumentos autoaplicáveis, o envelope resposta, a carta convite com esclarecimentos e o termo de responsabilidade, para facilitar a resposta dos enfermeiros. Após o prazo de uma semana, os questionários foram recolhidos junto a cada hospital e, feito o banco de dados em planilha de *Excel* para posterior análise estatística.

Para análise quantitativa, utilizou-se programa SPSS (*Statistical Package for the Social Science*), versão 16.0. Todas as variáveis quantitativas foram avaliadas pelo teste de *Kolmogorov-Smirnov* para verificar adequação à distribuição normal. Para verificar a relação entre as variáveis de

estresse geral, estresse percebido e estresse no trabalho e as variáveis sociodemográficas quantitativas, utilizaram-se os testes de correlação de *Pearson* ou teste de correlação de *Spearman*, de acordo com a adequação à distribuição normal. Os testes não paramétricos de *Mann-Whitney* e *Kruskall-Wallis* e foram utilizados para testar a diferença nas classificações dos grupos independentes.

O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP (Processo nº. 598/2006).

RESULTADOS

♦ Caracterizações da População

Houve predominância do sexo feminino com 128 respondentes, perfazendo 92,1% do total da população. Em relação à faixa etária, observa-se uma predominância de 44 (31,2%) enfermeiros entre 41 a 50 anos e 40 (28,4%), entre 31 a 40 anos. Percebe-se que existe um número significativo de profissionais na faixa etária entre 20 a 30 anos - 32 (27,2%) como, também, na faixa de mais que 50 anos - 25 (17,7%).

Quanto ao cargo em que estes profissionais atuam, há predomínio da área assistencial, com 130 (92,2%) enfermeiros, seguido dos gerenciais, com nove (6,4%) profissionais. Estes dados estão compatíveis com a faixa etária (entre 30 e 50 anos) e com o tempo de formado, que é superior a 16 anos. Em relação ao turno de trabalho, 35 (25,0 %) referiram o período da manhã; 26 (18,0%) como tarde; 38 (28,0%) como noite; 15 (11,0%) que fazem rodízio de horário; 14 (10,0%) manhã e tarde; três (2,0%) tarde e noite e cinco (3,0%) enfermeiros descreveram como “outro”, sem especificar o turno, totalizando 136 enfermeiros que responderam e cinco (3%) não responderam.

Tabela 1. Distribuição das médias e desvio-padrão - São Paulo (SP), 2011, Brasil.

Escalas	Média	Desvio-padrão
Valorização (0- 10)	5,64	3,4716
Nível de stress (0 -10)	5,49	2,7413
EBS geral (34-319)	168,15	56,421
EBS - domínio A (1,0 - 7,0)	3,16	1,3148
EBS - domínio B (1,0 - 6,5)	3,15	1,4530
EBS - domínio C (1,0 - 7,0)	3,91	1,4384
EBS - domínio D (1,3 - 6,8)	3,74	1,2802
EBS - domínio E (1,0 - 6,4)	3,77	1,2072
EBS - domínio F (1,0 - 7,0)	3,93	1,3680
PSS (34 - 319)	168,15	56,421
EET (23-109)	58,74	17,176

A média do nível de stress autoatribuído pelos enfermeiros foi de 5,49, o que não difere do valor encontrado na sensação de valorização (5,64), dentro dos valores máximo

de dez e mínimo de um, de acordo com a tabela 1.

Os dados relativos às médias dos domínios da EBS se relacionam com os dados obtidos quanto ao nível de Estresse referido, pois as médias podem ser classificadas como “médio nível de Estresse” por estarem na faixa entre 3,0 e 4,0 pontos. Pode-se observar, ainda, que o domínio F (condições do trabalho) apresentou uma pequena elevação de média 3,93 em relação aos demais, seguido pelo domínio C (administração de pessoal), com média de 3,91.

#### ♦ Análise das Correlações entre os Escores de Estresse

Pode-se observar que há correlação significativa ( $p$ -valor=0,008) entre a sensação de valorização e estresse percebido, sendo que quanto maior for a valorização, menor será o estresse percebido pelo enfermeiro. Diferente da relação entre o nível de estresse geral em relação ao estresse percebido e estresse no trabalho ( $p$ -valor < 0,001), que aponta que, quanto maior for o nível de estresse geral, maior será o estresse percebido e estresse no trabalho.

Quanto ao nível de estresse geral da EBS, houve diferença estatisticamente significativa ( $p$ -valor=0,030) com os domínios A (relacionamento com outras unidades e superiores), E (coordenação das atividades da unidade) e F ( $p$ -valor=0,004) (condições de trabalho para desempenho das atividades do enfermeiro), sendo que quanto maior for o nível estresse geral maior será o nível de estresse obtido para cada domínio descrito.

Relacionado ao estresse no trabalho, nota-se que houve diferença estatisticamente significativa ( $p$ -valor=0,036) nos domínios A (relacionamento com outras unidades e superiores) e F ( $p$ -valor=0,021) (condições de trabalho para desempenho das atividades do enfermeiro), isto é, quanto maior o nível de estresse no trabalho, maior o escore para os domínios A e F.

#### ♦ Análise Comparativa dos Escores de Estresse

Para realizar a análise de dois grupos independente, utilizaram-se o teste *Mann-Whitney* e o teste de *Kruskal-Wallis* para comparar mais que dois grupos.

Há diferença significativa na variável idade, onde há a maior média para os enfermeiros atuantes na Unidade de Internação com cargo assistencial (39,94). Os enfermeiros de cargo gerencial apresentam maior média de tempo de formado (23,55;  $dp = 2, 230$ ), e mais tempo de trabalho na unidade (11,12;  $dp = 2, 039$ ), diferença significativa ( $p < 0,05$ ).

Obteve-se maior média para a sensação de valorização para os enfermeiros que atuam em unidade de internação e relataram não ter pós-graduação (5,99;  $dp=0, 312$ ), conforme Teste de *Mann-Whitney*. Nos escores obtidos para a variável idade, a maior média foi para os enfermeiros que atuam em dois turnos - manhã e tarde (46,43;  $dp = 2,088$ ) - e os que trabalham no período da manhã (42,54;  $dp = 1,686$ ) mantiveram em segunda colocação relacionada ao turno manhã e tarde.

Dos enfermeiros que têm maior média de tempo de trabalho na unidade relacionado ao turno de trabalho, mantém-se para os que atuam durante o período da manhã e tarde (8,62). Os enfermeiros que não trabalham em turno noturno apresentaram sensação de valorização maior (6,02;  $dp = 0, 355$ ) e com  $p = 0, 056$  considerado, limítrofe à significância.

### DISCUSSÃO

O número de enfermeiros assistenciais, ou seja, que atuam em Unidade de Internação, torna-se um determinante ao quadro funcional, pela necessidade estrutural e a classificação de cuidado encontrado na literatura.<sup>11</sup>

Estudo realizado<sup>11</sup> relaciona a mesma faixa etária e tempo de formado para 50% dos enfermeiros que atuavam em Unidade de Internação, com idade entre 35 e 60 anos, com 70% dos enfermeiros que atuam em Unidade Hospitalar e concluíram pós-graduações. Esses resultados coincidem com os resultados desta pesquisa.

A maioria desses problemas de afastamentos certamente está associada às condições de trabalho, inadequação de mobiliários e instrumentos utilizados, organização do trabalho, atividades executadas e fatores do próprio ambiente.<sup>12</sup>

Houve significância importante nas comparações da EBS geral e os domínios, pois identificou que quanto maior nível de estresse em todos os domínios da EBS que abarcam variedades de atividades exercidas pelos enfermeiros, como as relações com unidades e superiores, coordenação das atividades da unidade e as condições de trabalho para o exercício profissional, dentro de suas competências profissionais, maior estresse nos domínios citados.

Este fenômeno, o estresse, tem sido considerado, por pesquisadores, como manifestações de tensões e problemas advindos do exercício de uma atividade exercida durante o trabalho. As atividades desenvolvidas pelo enfermeiro por sua própria



natureza e características demonstram-se suscetíveis ao fenômeno, o estresse.<sup>13</sup>

A cada situação vivenciada, o enfermeiro lança mão de várias avaliações primárias e secundárias, no modelo de *Lazarus* e *Folkman*, tornando os recursos de enfrentamento para a manutenção do equilíbrio entre o sujeito e o meio.

O enfermeiro de unidade de internação enfrenta vários fatores e eventos estressores, no contexto e condições do trabalho e, diante das suas atividades de gerir, assistir, educar e pesquisar, propiciando o desgaste emocional e físico, as dificuldades nas relações de trabalho, interferindo na manutenção de sua qualidade de vida.

Embora a enfermagem seja considerada, dentre outras profissões de saúde no setor público, uma das mais estressantes, no cotidiano vem buscando, profissionalmente, seu espaço e reconhecimento social. Inseridos neste ambiente, no qual, o enfermeiro atua, estão firmadas as relações interpessoais e de trabalho, que impõem demandas emocionais e psíquicas, na execução de atividades e do controle sobre seu trabalho e, junto de tudo, encontra-se o desgaste emocional, podendo levar a distúrbios desta ordem.<sup>14</sup>

Para articular o trabalho de enfermagem com os trabalhos dos diversos executores de funções especializadas (médicos, fisioterapeutas, assistentes sociais e outros), o enfermeiro torna-se o mediador principal, o que pode ser um fator desencadeante de estresse diante das adversidades na tomada de decisões, recursos disponíveis e relações interpessoais, quando não se obtêm os resultados esperados.

A relação entre os níveis de estresse da EBS e dados obtidos na EET foi significativa com os domínios que englobam as relações interpessoais com unidades e superiores e condições de trabalho para exercer suas funções, isto é, o estresse no trabalho se torna maior à medida que o relacionamento se torna menor com demais unidades e superiores e quanto maior for a deficiência nas condições de trabalho para o enfermeiro executar suas atividades na unidade, maior será o estresse ocupacional.

Ao analisar o escore obtido pelos enfermeiros, na sensação de valorização em relação ao estresse percebido, observou-se que, quanto maior for a sensação de valorização para o enfermeiro, menor será o estresse por ele percebido.

O enfermeiro tem sido solicitado por outros profissionais da equipe de saúde, nos hospitais, como elemento imprescindível para

a prestação de assistência, seja para opinar na tomada de decisão ou resolver problemas diversos, no que diz respeito ou não às atividades próprias da enfermagem.

Frente ao anseio da contemporaneidade, gerenciar informações e o conhecimento passa a ser a tarefa mais importante do enfermeiro na sua prática clínica, principalmente, no que diz respeito à área hospitalar, mas, para isso, depende das novas habilidades.<sup>15</sup>

As metas e estratégias do gerenciamento neste percurso incluem atingir resultados, desenvolver a consciência interdependência, a visão comum do interesse pelos objetivos propostos do serviço, a valorização e a tomada de decisões criativas em equipe e o envolvimento da equipe com novos conhecimentos.<sup>14</sup> Contrários a estes paradigmas podem influenciar o descontentamento e, conseqüentemente, o enfermeiro se sentir desvalorizado na sua atuação profissional.

O estresse está presente na prática de enfermagem desde tempos remotos, e o enfermeiro é responsável desde gerenciar o cuidado, como a unidade da qual é responsável. Os fatores próprios das ações de enfermagem são considerados fontes de estresse, como as diferentes opiniões nas relações interpessoais e as exigências em excesso. Esses dados, relacionados aos domínios de EBS e os maiores estressores relacionados às condições de trabalho e de administração de pessoal, são coincidentes aos demais trabalhos realizados com base nos dados coletados com a mesma escala.<sup>16-9</sup>

A enfermagem enfrenta uma sobrecarga evidenciada pela responsabilidade em assumir mais que uma unidade hospitalar, quanto à complexidade das relações humanas, sejam elas, enfermeiro/cliente, enfermeiro/profissional de saúde e enfermeiro/familiares.<sup>11</sup> Caso a instituição hospitalar não ofereça a infraestrutura para o desempenho das atividades do enfermeiro, em qualquer área de atuação e, em especial, nas unidades de internação, esse fator será estressante para o enfermeiro que não poderá realizar com qualidade o trabalho para o qual tem sua competência.

O processo histórico da enfermagem no Brasil revela que o enfermeiro vem conquistando seu espaço profissional e busca consolidar sua profissão, sem necessitar do apoio e compreensão de outros profissionais e, sendo reconhecido como uma profissão científica, a enfermagem perfaz seu trajeto, nas suas ações diárias e formação profissional, no reconhecimento e definição do seu papel em comparação aos profissionais de ensino

médio e técnico, no reconhecimento público e socioeconômico, condições estas que estimulam a maioria dos enfermeiros a atuar em uma carga horária excessiva em busca de melhorias salariais.<sup>11</sup>

Todas essas características do processo histórico da enfermagem, em paralelo às suas condições políticas e socioeconômicas no trabalho, podem contribuir para o estresse ocupacional.

Em relação ao cargo ocupado pelos enfermeiros, os gerentes de enfermagem assumem a assistência do paciente em situações emergenciais, na maioria das vezes, quando há necessidade de mudança administrativa ou nas relações de trabalho dentro do setor de origem, deparando-se com conflitos difíceis de resolver, exigindo do gestor facilidade de negociação, maturidade, experiência, e discernimento para desenvolver suas ações de maneira a satisfazer as necessidades do cliente e corpo funcional da instituição.<sup>20</sup>

Ao partir da premissa de que a média identificada entre o cargo e a variável idade, há o predomínio de ações gerenciais as quais podem estar relacionadas à maturidade, tempo de atuação e experiência, conhecimento sobre os processos administrativos e assistenciais. Assim, quanto mais anos de atuação e experiência profissional tiver o enfermeiro no âmbito de trabalho de unidade de internação assistencial, a tendência é assumir cargos gerenciais.

Em relação à sensação de valorização comparada ao enfermeiro que fez pós-graduação, a maior média foi observada para os que não realizaram (5,99). Foi constatado que a maioria apresentou mais de uma pós-graduação, podendo-se inferir que a procura por outras opções de trabalho pode acarretar insatisfação em trabalhar em unidade de internação.

Na década de 90, o número de enfermeiros que procuravam e concluíam a pós-graduação era menor. Observa-se, atualmente, que há um crescente número de cursos de pós-graduação e os enfermeiros têm buscado se especializar e se aprimorar, pois a especialização não somente aperfeiçoa o profissional, como melhora a assistência prestada ao cliente, atenua o estresse, possibilita o conhecimento e pode gerar maior domínio situacional.<sup>11</sup>

A grande alternância existente entre os turnos de trabalho, observada neste estudo, é considerada prejudicial à saúde e à vida socioeconômica familiar e profissional dos

enfermeiros. Para estes, a insatisfação com o esquema de trabalho adotado é um fator na apresentação de sintomas e sinais de fadiga mental.<sup>21</sup>

Os enfermeiros que trabalham no período noturno, geralmente, se responsabilizam por mais de um setor, devido à necessidade e quadro reduzido de recursos humanos com maior possibilidade de sobrecarga de trabalho. A possibilidade de trabalhadores apresentarem o estado mental comprometido é maior, para quem trabalha à noite, e a maioria destes apresenta irritabilidade.<sup>11</sup>

O enfermeiro, diante dessa situação, pode apresentar sintomas de estresse, tornando-o suscetível a distúrbios relacionados ao bem-estar e à sua saúde, fazendo com que o profissional busque estratégias que minimizem os estressores vivenciados.

No cotidiano, compete ao enfermeiro, dentre outras atividades, atuar de forma colaborativa, participativa no gerenciamento da assistência, serviços e unidades, bem como os recursos materiais, físicos e humanos, podendo, tal atuação, ocasionar desgastes físico-emocionais.<sup>22</sup>

Torna-se necessária a busca de ações coordenadas para a manutenção da saúde do trabalhador no que tange à melhoria da qualidade de vida no trabalho e o autocuidado do trabalhador, uma vez que a Enfermagem, historicamente, se estabelece tanto pelo cuidar como pelo gerenciamento de atividades correlatas, voltada ao desenvolvimento das boas práticas sejam ao indivíduo, à família e ao próprio profissional.

## CONCLUSÃO

Conforme o objetivo proposto, foi possível verificar que o enfermeiro da unidade de internação apresentou nível médio de estresse na realização de seu trabalho.

A sua percepção de estresse é compatível com o nível de estresse avaliado pelos instrumentos usados no estudo e os dados são relacionados com a valorização relatada por eles.

Sobre os estressores que mais acometem os enfermeiros, são os relacionados às condições de trabalho e na administração de pessoal.

Assim, o enfermeiro de unidade de internação poderá buscar e utilizar estratégias que diminuam a ocorrência de estresse, atuando em consonância com a instituição hospitalar que deve oferecer condições de trabalho e de pessoal de maneira a prestar assistência qualificada aos pacientes e familiares assistidos em unidade de internação.

## REFERÊNCIAS

1. Silva EFL, Moura MLC. Stress in nurse/patient relations: integrative review. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2014 July [cited 2016 June 01];8(7):2140-8. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/m/index.php/revista/article/download/6365/9614>
2. Lazarus R. Fifty years of the research and theory of R. S. Lazarus: an analysis of historical and perennial issues. London: Lawrence Erlbaum; 1998.
3. Paschoal T, Tamayo A. Validação da escala de estresse no trabalho. Estud psicol (Natal) [Internet]. 2004 Apr [cited 2015 June 15];9(1):45-52. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22380.pdf>
4. Suehiro ACB, Santos AAA, Hatamoto CT, Cardoso MM. Vulnerabilidade ao estresse e satisfação no trabalho em profissionais do Programa de Saúde da Família. Bol psicol [Internet]. 2008 Dec [cited 2015 June 15];58(129):205-18. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a08.pdf>
5. Bianchi ERF. Enfermeiro hospitalar e o stress. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2000 Dec [cited 2015 June 15];34(4):390-4. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v34n4/v34n4a11>
6. Ministério da Saúde (BR). Departamento de Sistemas e Redes Assistenciais. Padronização da nomenclatura do censo hospitalar. Brasília: Ministério da Saúde; 2002. (IMPRESSO)
7. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Assistência à Saúde. Normas para projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 1994. (IMPRESSO)
8. Rodrigues FCP, Lima MADS. A multiplicidade de atividades realizadas pelo enfermeiro em unidades de internação. Rev Gaúcha Enferm [Internet]. 2004 Dec [cited 2015 June 15];25(3):314-22. Available from: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchaEnfermagem/article/view/4525/2455>
9. Coutrin RMGS, Freua PR, Martins C. Estresse em enfermagem: uma análise do conhecimento produzido na literatura brasileira no período de 1982 a 2001. Texto contexto-enferm. 2003 Oct/Dec;12(4):486-94.
10. Souza ISN, Silva FJ, Gomes RLV, Frazão IS. Situações estressantes de trabalho dos enfermeiros de um hospital público. Rev Enferm UFSM [Internet]. 2013 May/Aug [cited em 2015 June 15];3(2):287-95. Available from: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/8322/pdf>
11. Montanholi LL, Tavares DMS, Oliveira GR. Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar. Rev Bras Enferm [Internet]. 2006 Sept/Oct [cited 2015 June 15];59(5):661-5. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n5/v59n5a13.pdf>
12. Paschoalin HC, Griep RH, Lisboa MTL, Mello DCB. Transcultural adaptation and validation of the Stanford presentism scale for the evaluation of presentism for Brazilian Portuguese. Rev Latinoam Enferm [Internet]. 2013 Jan/Feb [cited 2015 June 15];21(1):388-95. Available from: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n1/pt\\_v21n1a14.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n1/pt_v21n1a14.pdf)
13. Negeliskii C, Lautert L. Occupational stress and work capacity of nurses of a hospital group. Rev Latinoam Enferm [Internet]. 2011 May/June [cited 2015 June 16];19(3):606-13. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n3/21.pdf>
14. Cavaleiro AM, Júnior DFM, Lopes AC. Stress in nurses working in intensive care units. Rev Latinoam Enferm [Internet]. 2008 Jan/Feb [cited 2015 June 15];16(1):29-35. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n1/04.pdf>
15. Trevizan MA, Mendes IAC, Shinyashiki GT, Gray G. Gerenciamento do enfermeiro na prática clínica: problemas e desafios em busca de competência. Rev Latinoam Enferm [Internet]. 2006 May/June [cited 2015 June 16];14(3):457-60. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/v14n3a22.pdf>
16. Guido LA, Silva RM, Goulart CT, Kleinübing RE, Umann J. Estresse e coping entre enfermeiros de unidade cirúrgica de hospital universitário. Rev Rene [Internet]. 2012 Mar/Apr [cited 2015 June 16];13(2):428-36. Available from: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/226/pdf>
17. Freitas JMF, Lima ECA, Vieira ES, Feitosa MM, Oliveira GYM, Andrade LV. Estresse do Enfermeiro no Setor de Urgência e Emergência. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2015 Dec [cited 2016 June 01];9(10):1476-83. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/m/index.php/revista/article/download/8572/13909>
18. Grazziano ES, Bianchi ERF. Impacto del estrés ocupacional y burnout em enfermeros.

Simonetti SH, Bianchi ERF.

Estresse do enfermeiro que atua em unidade...

Enferm glob [Internet]. 2010 Feb [cited 2015 May 05];1(18):1-12. Available from: <http://revistas.um.es/eglobal/article/view/93801/90451>

19. Guerer FJL, Bianchi ERF. Caracterização do estresse nos enfermeiros de unidades de terapia intensiva. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2008 June [cited 2015 June 15];42(2):355-62. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a19.pdf>

20. Sanna MC. Os processos de trabalho em Enfermagem. Rev Bras Enferm [Internet]. 2007 Mar/Apr [cited 2015 May 05];60(2):221-4. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n2/a17v60n2.pdf>

21. Mangolin EGM, Nunes NA, Zola TRP, Ferreira APP, Andrade CB. Avaliação do nível de estresse emocional na equipe de enfermagem de hospitais de Lins/SP. Saúde Rev [Internet]. 2003 [cited 2014 Sept 03];5(10):21-8. Available from: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd49/sau de10art03.pdf>

22. Simonetti SH, Kobayashi RM, Bianchi ERF. Identificação dos agravos à saúde do trabalhador de enfermagem em hospital cardiológico. Saúde Colet [Internet]. 2010 [cited 2015 June 15];7(41):135-9. Available from: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84213511003>

Submissão: 02/06/2016

Aceito: 03/11/2016

Publicado: 01/12/2016

### Correspondência

Sérgio Henrique Simonetti  
Escola de Enfermagem - Universidade  
de São Paulo  
Rua Ribeiroles, 126  
Bairro Jardim Jabaquara  
CEP 04356-010 — São Paulo (SP), Brasil